

AGDI – Diretoria de Produção e Inovação

Extraído de: KAPRON, S.R. *Crescimento e Concentração da Produção na Perspectiva do Desenvolvimento Endógeno: Uma Análise do Sistema local de Máquinas e Implementos Agrícolas do RS*. Dissertação de Mestrado. PPGE-PUCRS. Fevereiro de 2006.

## **Desenvolvimento Endógeno e Sistemas Locais**

O desenvolvimento econômico é um processo de crescimento e mudança estrutural que transfere a atividade econômica das economias tradicionais para as economias modernas, inovativas e geradoras de externalidades. A esta noção é acrescentado um certo protagonismo local.

As regiões possuem recursos econômicos, humanos, institucionais e culturais e economias de escala não aproveitadas como potencial de desenvolvimento. Neste sentido, é desejável que se tenha um sistema produtivo capaz de gerar rendimentos crescentes, com a introdução de inovações, que garantem a criação de riquezas.

Desenvolvimento endógeno: é a capacidade da comunidade local controlar as mudanças ocorridas na região, com estratégias para influenciar a dinâmica local.

As redes de cooperação e aprendizado que se estabelecem localmente são fontes de redução de custos de transação, de ganhos de escala e de escopo de produção, além de criarem condições de geração e difusão da inovação, portadora de dinâmica produtiva.

As externalidades e dinâmicas locais podem beneficiar as empresas e as mudanças na estrutura local, que podem beneficiar o conjunto da população.

Assim, as redes de cooperação e aprendizado que se estabelecem localmente são fontes de redução de custos de transação, de ganhos de escala e de escopo de produção, além de criarem condições de geração e difusão da inovação, portadora de dinâmica produtiva.

A Terceira Itália: aglomeração de pequenas empresas, com vínculo com o território, do qual emergem fatores como especialização produtiva, aglomerações com predomínio de pequenas e médias empresas locais, laços de cooperação entre empresas e destas com instituições, dinâmicas de aprendizado coletivo geradoras de inovações e progresso técnico que se difundem e generalizam entre as empresas locais, representando um processo de desenvolvimento local.

Para Marshall, os rendimentos decrescentes são da natureza e rendimentos crescentes são da ação humana. À ação humana (rendimentos crescentes) é atribuída as economias internas e externas.

- Internas: aumento da eficácia do trabalho e ganhos advindos do volume de compra de matérias-primas. Relação com a organização da produção, modelo fordista de produção.
- Externas: conceito fundamental para os Sistemas Locais de Produção.

A partir de condições iniciais, geralmente de recursos naturais, ou, ainda, de uma concentração de trabalhadores especializados, a indução à especialização produtiva atrai novos trabalhadores e difunde processos e culturas educativas onde os “[...] segredos de profissão deixam de ser segredos” (Marshall 1982, p. 234).

As aglomerações parecem demonstrar algumas vantagens econômicas para a produção, mesmo que em detrimento de custos de transporte e ofertas concentradas.

A teoria do Crescimento Endógeno (TCE) assume a possibilidade de rendimentos crescentes, especialmente através da incorporação das tecnologias e do capital humano como sendo gerados internamente ao processo de crescimento contrariando a teoria ortodoxa. O conhecimento gerado, acumulado e difundido na economia, contribui para o aumento da produtividade de todos os demais fatores, sejam eles internos à empresa, pela capacitação dos agentes ou mesmo pela geração de externalidades positivas (AGENOR, 2000).

## Regiões que Emergem

**Distritos Industriais Italianos:** conjunto de pequenas empresas localizadas no centro e no nordeste italiano, que constituem base do desenvolvimento econômico italiano. A região é conhecida como "Terceira Itália", frente ao dualismo do norte desenvolvido e do sul empobrecido. Superação da visão tradicional que só grandes empresas são fontes de dinâmica de crescimento.

As pequenas empresas dos distritos engendram um sistema de interdependência. É a inter-relação entre as pequenas empresas, com a conjunção de fatores e relações externas a elas, que irá conferir níveis de eficácia típicos de uma grande empresa.

**Porter: paradoxo das aglomerações:** dinâmica econômica recente, marcada pela abertura dos mercados globais e pelas inovações que reduziram enormemente os custos de comunicação e transporte, teria diminuído o papel da localização produtiva na determinação da competitividade empresarial. No entanto, Porter afirma que a produção mundial é feita através de *cluster*. Nesta perspectiva, a noção de aglomerados é associada sempre a 'competição' e a livre mobilidade entre mercados, como forma de expansão da indústria e confirmação da eficiência competitiva. Neste sentido, é que a atração das empresas para o *cluster* é baseada em racionalidade e eficiência, que irá se traduzir, em última instância, no melhor arranjo custos-inovação-vendas-lucros.

**Vantagem do *cluster*:** permitir que, além do que acontece no interior da empresa, o ambiente em torno desta contribua decisivamente para aumentar a sua produtividade e capacidade competitiva. O uso comum da infra-estrutura, das pesquisas tecnológicas (inovação) e do ensino acadêmico e técnico; a atração de profissionais mais qualificados e de compradores especializados; além da própria credibilidade produtiva e comercial conquistada pelo *cluster*, formam um conjunto de vantagens (externalidades positivas) que não é específico de uma empresa, mas do conjunto destas.

Esta abordagem identifica a coexistência de competição e cooperação. A rivalidade se constitui como emuladora da competitividade. A cooperação pode ocorrer pelos diferentes papéis das empresas e através das instituições locais vinculadas à produção. Outros elementos como a complementaridade entre atividades econômicas (turismo: hotéis e restaurantes, p. ex.), a disponibilização de bens públicos – muitas vezes restritos na distribuição geográfica – e a motivação empresarial por exemplos de proximidade, são fatores que reforçam os laços para a existência do *cluster* (PORTER, 1998). A capacidade inovativa do local aparece também como argumento central para definir a localização empresarial.

As aglomerações, arranjos e sistemas produtivos sob o contexto da reestruturação produtiva e assentada em uma nova base tecnológica, evidenciaram novas economias

externas, avançando o potencial identificado por Marshall em direção a uma capacidade sistêmica de desenvolvimento.

## Os Mecanismos do Desenvolvimento Endógeno

O crescimento é componente necessário, mas não exclusivo, para o desenvolvimento, em especial nas economias periféricas.

Alguns dos principais mecanismos que ativam o processo de desenvolvimento local podem ser sistematizados através dos seguintes fatores: **território**, considerado como enraizamento local de relações e capacitações; **externalidades econômicas**, entendidas quanto externas à empresa, mas internas ao território; **cooperação** entre empresas e destas com instituições; **inovação e conhecimento**, sobretudo na capacidade local de controlar sua geração e difusão; e, **coordenação** institucional mobilizadora e indutora dos demais fatores.

### Cooperação

O sistema local propicia interdependências entre as empresas, gerando formas de redes entre estas. O atual paradigma produtivo levou as grandes empresas a flexibilizarem-se sob a forma de empresas-rede e possibilitou relações flexíveis entre PMEs que se configuram como formas de cooperação. Entretanto, a flexibilização propiciou uma maior hierarquia entre as grandes empresas e as PME e essa divisão do poder pode deixar as PME sob o controle das grandes empresas, enquanto estas possuem redução de custos e fidelização de clientes. A pouca difusão de informações tende a perpetuar a relação assimétrica no controle de fatores dinâmicos de mercado e, conseqüentemente, na rentabilidade e nas possibilidades de crescimento. Nestas relações, a cooperação tende a ficar subsumida num contrato mercantil (não necessariamente via mecanismo de preço) e hierárquico.

Relações de confiança e conhecimento mútuos entre empresários e agentes locais facilitam o processo de obtenção de informações e acesso a recursos como formas de reduzir riscos e conhecer melhor as oportunidades, seja no surgimento da empresa ou na sua busca pelo crescimento, evidenciando outras relações que não somente as competitivas baseadas em preços e custos como sinais de mercado (VAZQUEZ BARQUERO, 2001).

As relações horizontalizadas estabelecidas partem de bases sociais e culturais, mas objetivam ganhos de eficiência econômica a partir da especialização produtiva, da divisão do trabalho, da redução de custos de transação e de “[...] articulações entre agentes em termos da geração de efeitos de aprendizado e da dinamização do processo inovativo em escala local ou regional” (BRITTO, 2002b, p. 379). A cooperação permite emergir economias ocultas e gerar eficiências sistêmicas propiciando, a todos os envolvidos, ganhos crescentes que individualmente não seriam atingidos.

### Inovações

O planejamento de estratégias locais geradoras de externalidades positivas e processos inovativos é uma forma de criar condições para almejar uma inserção ativa frente ao cenário competitivo da economia globalizada.

As externalidades Marshallianas são basicamente fruto da aglomeração e podem ser consideradas como não intencionais (o conhecimento simplesmente transborda, 'está no ar'). As externalidades locais inovativas, ou schumpeterianas, são intencionais, pois os produtores estão engajados em atividades comuns de qualificação e intercâmbio de conhecimentos e mão-de-obra, associação e cooperação em diversos aspectos, além de encadeamentos horizontais, a jusante ou a montante (LEMOS; SANTOS; CROCCO, 2003).

Conhecimento e inovação são fatores decisivos para a concorrência. Além da disputa de mercado em si, as instituições (escolas profissionalizantes, laboratórios, escritórios comerciais ou consultorias) permitem uma valiosa troca de conhecimentos, ainda que involuntária.

As grandes empresas possuem controles das inovações.

A posição dos países periféricos revela-se duplamente desvantajosa frente à dimensão estratégica da inovação. Primeiro porque não sediam as empresas do núcleo globalizado da vanguarda tecnológica; segundo, porque suas capacidades locais são, de certa forma, exploradas em função e para as estratégias das grandes empresas concentradoras.

Enquanto as grandes empresas globalizadas internalizam acúmulos para geração de inovações, às economias locais resta o fortalecimento do entorno produtivo para aumentar a capacidade inovativa do conjunto de suas empresas.

Criar internamente às economias a capacidade de inovar significa aumentar suas possibilidades de inserção e crescimento econômico frente às demais economias e empresas.

## **Território e Coordenação**

As competências de um território, como ator do processo de desenvolvimento, não se estabelecem e tampouco interagem para uma dinâmica virtuosa sem uma condução orientada para alcançar objetivos socialmente definidos. A cooperação entre os agentes, a indução de economias externas e a capacidade de inovar só são estimuladas em função de interesses previamente estabelecidos, seja para a coletividade ou para apropriação restrita, o que, por sua vez, requer um processo de coordenação, seja local ou até mesmo externa.

A existência de diferentes formas de relação intermediárias entre empresas e destas com as demais instituições que, por sua vez, conformam diferentes estruturas de arranjos produtivos, evidenciam distintas formas de coordenação local.

Da interação e cooperação é que surge a necessidade de coordenação, especialmente quando alimentadas por objetivos comuns, como é o caso das redes de PMEs, nas quais é mais enfatizada a referência de governança.

A coordenação dos diferentes agentes no território é a primeira condição para o êxito das iniciativas locais em favor do desenvolvimento. Normalmente, são os poderes públicos locais, na sua condição de garantidores da coesão territorial, que assumem e promovem essas iniciativas. Por outro lado, a participação ativa dos citados agentes territoriais constitui outro pilar básico das iniciativas locais de desenvolvimento (LLORENS, 1999, p. 119).